Das Esquerdas e Esquerdas

Simon Schwartzman

Publicado no *O Estado de São Paulo*, 25 de maio de 1979, página 2.

Se o volume e intensidade das reações é um indicador de pertinência, não há dúvida de que o artigo sobre a "Miséria da Ideologia," publicado há alguns meses, veio a calhar. As reações favoráveis foram públicas e diretas: telefonemas, notas pessoais, artigos. As desfavoráveis, que certamente existiram, não chegaram a ganhar forma pública, nem se dirigiram ao autor. Exceto agora, quando recebo longa carta de crítica intensa e profunda. Essencialmente, ela afirma que o artigo que criticava a esquerda era muito próprio, mas basicamente equivocado, porque o alvo não era a esquerda, "mas tão simplesmente a beneficiária da apropriação indébita e monopólica do título. Quer dizer, de uma fração, de um agrupamento. Eu não me enxergo em seu artigo. Muito menos enxergo nele as dezenas de amigos e conhecidos que tenho e que fazem política de esquerda. Não vejo ali a menor chance de analisar o tempo de labuta no MDB, no esforço da campanha partidária, o suporte no planejamento e assessoria dos candidatos, o tempo perdido preparando textos e um monte mais de atividades que desempenhamos neste passado ano de 1978. Também não vejo como enquadrar ali o esforço de muitos profissionais egressos de 68 e que hoje se dedicam às mais variadas tarefas politicas (médicos, advogados, sociólogos, engenheiros), como também se preocupam por primar pela competência profissional e pelo reconhecimento técnico no interior do seu mundo profissional e de sua comunidade. Ganhadores de concurso, chefes de equipes de trabalho, diretores de companhias financeiras, diretores de consultoria, e assim por diante, todos dedicados à tarefa de, por um lado, ganhar conhecida competência que resulte tanto em maior responsabilidade quanto respeito público e, por outro, preocupados em construir instituições, firmas, ordens profissionais, etc. - legítimas, competitivas e responsáveis."

A carta é longa, e estes são só alguns excertos. Mas merecem uma citação extensa: "Há uma enorme quantidade de pessoas (e muitas delas em permanente contato) da minha coorte, egressas das experiências negativas de 68 (e algumas profundamente negativas), que reciclaram muitas de suas perspectivas (que, aliás, não eram só brasileiras, mas latino-americanas, e, em certa medida, mundiais) e hoje são severos críticos do "centralismo democrático," do partido único, da revolução avassaladora. Dezenas destas pessoas abriram conflitos com a elite póstuma esta burocracia zona-sul-de-salão-e-empresa-pública; abriram conflitos com a elite póstuma e exilada de 84; com os nostálgicos esquerdistas brasileiras da *rive-gauche* e da *brasserie*, Balzac e todos os outros medalhados heróis do passado e do presente. Quer dizer, não só ocorreu a dúvida intelectual, como também vem se dando a manifestação clara de novas tentativas e procuras."

Estas novas tentativas, no entanto, ainda não possuem suas formas próprias: "Ocorre que esta fração não tem, e não pode ter ainda - ou talvez já possa com um pouco mais de permanente abertura -, uma certa estruturação intelectual, ou ideológica, como você queira, Em verdade, a esquerda (a que você viu) tem. E não é verdade que a direita não tenha, porque a direita é o oposto da esquerda, que é o seu contrário-igual, é o MAC, o CCC, o AAC, o braço armado da repressão, os voluntários da Pátria, além das várias partes e metástases dentro da estrutura repressiva institucional, e estes, queira você ou não, repartem também uma cosmovisão integrada, uma ideologia da mesma ordem da esquerda que você crítica."

A carta continua: "Se valer de Marx para, invertidas algumas de suas proposições, triturar a esquerda não é das coisas mais exatas, a não ser, repito, para a esquerda que você viu, O resto do mundo está às voltas como funcionalismo na teoria marxista, com uma grande discussão acerca do 'problema da transformação' e dos erros teóricos e empíricos de Marx e seu lamentável seguidor Engels. Exatamente por estar às voltas com tudo isto, mas principalmente com os problemas de 'transformação,' a Europa fervilha acerca destes temas, Kautsky é desenterrado, Rosa Luxemburgo é relida, Certos ou errados, o terreno comum, no entanto, é a dúvida, por um lado, e a participação social e competente e responsável, por outro".

A conclusão é uma espécie de cobrança: "você não sabe onde andam grandes segmentos das esquerdas no Brasil, você não os conhece para generalizar naquela base, não resolve o problema dizendo que há uma agenda de problemas éticos e sociais a resolver e em torno dos quais se alinhar (eu entendo que você sugere a agenda como um substitutivo para as velhas divisões esquerda/direita) sem ser necessário politizar toda a vida social. Ainda que concorde com a consequência, a premissa não se sustenta, porque a questão da esquerda versus direita não se esgota na invenção de agendas, fundamentos outros filosóficos e coisas semelhantes. Ela não é uma questão de preferência, nem foi crida por maníacos pirotécnicos, mas se refere a situações 'de fato,' a tratamentos alternativos para questões centrais ao convívio social. Portanto, não é 'fair' emitir um discurso político partidário como o seu, sem dizer onde é que ficas. Não existe posição 'do alto," isto é, nem de esquerda, nem de direita."

A resposta da cobrança, no entanto, está na própria carta: "só matizando a esquerda e insistindo em que tudo o mais tem que ser matizado e visto em sua essência complexa, poderemos avançar em direção mesmo a sua agenda ou a qualquer outra de base democrática. Insistir na dicotomia, como você fez, não é progresso nenhum, é bater em defunto morto. O que temos a fazer é exatamente combater as simplificações, maniqueísmos e mistificações de toda ordem. E acho que você ficou longe de fazer isto."

A preocupação central de "Miséria da Ideologia" não era, como foi lido pelo missivista, uma crítica da esquerda em geral, e sim da ideologia simplificadora e empobrecedora que termina por fazer de todos os que nos preocupamos a fundo com a questão social - e que, por isto, nos colocamos à esquerda do espectro politico - prisioneiros ou quase prisioneiros dos arautos e porta-vozes desta ideologia. Os "tratamentos alternativos para questões centrais ao convívio social" não admitem respostas preestabelecidas pelo dicotomia simplificadora que ambos recusamos. Para introduzir o pluralismo e a matização, é necessário, em primeiro lugar, romper os grilhões do pensamento ideológico e dos que o usam em causa própria. Eu

posso, certamente, ter ficado longe disto: mas creio que a razão pela qual esta nova esquerda da qual fala o missivista não consegue surgir com sua forma própria é por que ela ainda não rompeu com a servidão da camisa-de-força do pensamento ideológico. O rompimento crítico é essencial para que formas alternativas e mais ricas de pensamento e participação político-social possam assumir um lugar legítimo, explícito e à luz do Sol para sua maneira de existir - como pretende, mas ainda não consegue, meu colega missivista.